

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Brasiliense

Class.: Político Indig. Oficial

Data: 8 de abril de 1980

Pg.: 346

PARTIDO ALTO

Contra a PDS Funai 190

VIVALDO FROTA

No dia 24 de abril do ano passado, fiz um discurso, na Câmara, denunciando e pedindo providências ao presidente da Funai, no sentido de pôr fim aos esbulhos e violências praticados por caboclos aculturados, descendentes das extintas tribos dos Apurinã e Jmamadi, no município de Boca do Acre, no Amazonas, contra indefesos colonos que trabalham naquela área.

Fiz ver que propriedades tituladas há quase um século eram invadidas e saqueadas, sem que as autoridades locais pudessem adotar qualquer providência, porque aqueles caboclos, na realidade mestiços e não índios, estavam sendo criminosamente apoiados e insuflados por agentes da Funai e missionários estrangeiros da Paróquia de São Pedro de Boca do Acre.

Lembrei que em 1977, quando a situação era bastante crítica e, tendo em vista apelos formulados pelo prefeito e vereadores daquele município, a Funai resolveu instituir uma comissão composta por representantes do Inera, da CNA e da própria Funai, com o objetivo de estudar o problema das áreas indígenas em Boca do Acre e apresentar relatório, objetivando localizar o habitat para os descendentes das tribos Apurinã e Jmamadi.

Lembrei ainda que essa Comissão, após exame in loco, apresentou, no dia 30 de junho de 1977, o seu relatório, inclusive com mapas delimitando as áreas que correspondiam às reservas indígenas, mas, não obstante isso, a Funai não havia ainda mandado proceder à demarcação oficial dessas áreas, e por isso os caboclos, sem respeitar qualquer direito à propriedade ou legítima posse dos colonos, continuavam praticando invasões, saques e, ao seu arbítrio, iam expandindo consideravelmente suas áreas de ocupação, que já estava atingindo até o perímetro urbano da cidade.

Daí para cá, não deixei sossegado o presidente da Funai. Além de mais de uma conversa pessoal, enviei-lhe várias cartas e telegramas, advertindo-o da gravidade da situação e pedindo providências, antes que fatos, lastimáveis viessem a ocorrer.

No dia 18 de março saturados de tantos esbulhos, saques, furtos e outros atos de vandalismo praticados por esses caboclos que, indolentes e preguiçosos, vivem à margem da lei, sob o manto protetor de agentes da Funai, e alguns inescrupulosos missionários da Paróquia de São Pedro; os

quais além de estrangeiros vivem insuflando os caboclos à agitação e fazendo pregações públicas contra o regime e as autoridades constituídas do país, cerca de seiscentos colonos que habitam e cultivam terras às margens da projetada estrada BR-317, levantaram-se contra a absurda e abusiva pretensão da Funai, de ampliar a reserva dos Apurinã, de 18.640 hectares, para 84 mil hectares, a fim de abrigarem apenas dez famílias desses caboclos, compostas de menos de noventa indivíduos, descendentes da extinta tribo que habitava aquela região no século passado.

No dia 21 de março, um tal Padre Egydio Schwade declarou ao Jornal de Brasília que os colonos de Boca do Acre, ao se rebelarem contra a decisão da Funai, estavam sendo acobertados por políticos do Amazonas, principalmente por mim e pelo Governador José Lindoso.

Acobertados não, porque não houve qualquer ato delituoso a esconder. Apoiados, sim, vez que estão plenos de razão.

A ampliação pretendida pela Funai entregaria de graça, aos indolentes mestiços que se dizem índios e vivem da prática criminosa do saque que lhes amestram os Schwades e outros agitadores, cerca de 110 mil pés de café, 50% da produção de arroz e milho do Amazonas, além de consideráveis outras culturas, sem mencionar, a vasta extensão de campos para a pecuária, com aproximadamente trinta mil cabeças de gado vacum, que inclusive já ajuda no abastecimento de carne de Manaus.

Se a Funai desse guarida à absurda pretensão dos mestiços, ia ter que entregar-lhes toda a gleba onde se encontram as cidades nova e velha de Boca do Acre, com mais de vinte mil habitantes, porque ali, originariamente, era, em verdade, o local onde vivia a tribo dos Apurinã. Assim sendo, seria o caos, porque quase todas as capitais dos estados brasileiros, desde São Paulo até Manaus, foram sede de tribos indígenas também.

O que a Funai precisa fazer, isto sim, é delimitar e demarcar uma área para aqueles mestiços, cuja área fique fora e bem distante daquelas que estão cultivadas pelos colonos que habitam a região, porque nos dias atuais o que em verdade o Brasil necessita é de muita agricultura e muita pecuária para satisfazer a suas necessidades básicas, e não de meia dúzia de mestiços preguiçosos, saqueadores, inocentes úteis a servirem de instrumento nocivo nas mãos de perigosos agitadores estrangeiros que se ocultam à sombra de instituições religiosas para poderem agir impunemente.